

6

REI QUE FOI E SERÁ:

ATUALIZANDO O REI ARTUR E SEUS CAVALEIROS

No final da Idade Média, Thomas Malory veio reunir com êxito todas essas abordagens: o Artur heróico defendendo o país, seus cavaleiros obcecados em aumentar a própria fama, a cruzada simbólica da busca do Graal. Dessa época aos nossos tempos, vêm ocorrendo inúmeras tentativas, com grau variado de sucesso, para atualizar o conceito heróico arturiano adaptando-o aos novos contextos.

Antônio Furtado¹

Muito antes de Gildas, Nennius, Geoffrey of Monmouth, Wace, Chrétien de Troyes, Robert de Boron ou mesmo Thomas Malory havia o canadense Harold Foster, o grande mestre dos quadrinhos. Para mim, foi assim que a lenda arturiana começou, lá pelos meus sete, oito anos. Gostava muito de ouvir meu pai contar histórias baseadas em filmes, livros e gibis. Ele costumava narrar de memória, recordando suas aventuras favoritas, fazendo alguns ajustes de improviso para agradar ao público (que, no caso, era apenas eu). Foi assim que me tornei fã por antecipação de filmes como *King Kong*, romances como *O último dos moicanos* e das séries em quadrinhos *Tarzan* e *Príncipe Valente nos tempos do rei Artur*.

Passar-se-iam ainda alguns anos até que eu pudesse ler os gibis escritos e desenhados por Foster (em edições comemorativas publicadas pela antiga EBAL), entretanto o mais importante já estava garantido: o conhecimento de que havia um grande rei em cuja corte se reuniam os mais bravos cavaleiros do mundo, todos guerreiros extraordinários, verdadeiros heróis.

É curioso observar que os quadrinhos como os conhecemos não existiam antes de Hal Foster começar a desenhar as tiras de Tarzan para jornais norte-americanos. Antes de 1929, a fórmula mágica dos quadrinhos era inventar coisas absurdas e engraçadas, sempre a partir de situações típicas do cotidiano das famílias. A história começava e acabava na mesma tirinha de jornal (ou página dominical). Prevalia o desenho caricatural, não havia nenhum realismo estético — os personagens nunca pareciam seres humanos ou animais reais, na melhor das hipóteses eram apenas desproporcionais. As séries eram sempre cômicas, daí o fato de que, até hoje, os gibis serem chamados de *comics* nos países de língua

inglesa. As narrativas visuais feitas de aventura e romance, com tramas de longa duração e uma mocinha sempre em perigo, surgiram apenas quando o popular escritor norte-americano Edgar Rice Burroughs autorizou a adaptação de seus livros sobre o famoso rei das selvas para o formato quadrinhos. As novas histórias de Tarzan estrearam em tiras diárias em 1929. Dois anos depois, Hal Foster já estava escrevendo e desenhando para as páginas coloridas dominicais.

Com as aventuras de Tarzan, cada tira ou página dominical passava a ser um breve capítulo de uma longa história. A emoção e o suspense continuavam sempre no mesmo jornal no dia seguinte, no caso das tiras, ou na semana seguinte, no caso das páginas. Dessa maneira, o leitor deixava de rir da piada em forma de situações ligeiras (onde cada personagem já tinha suas situações típicas) para acompanhar um verdadeiro folhetim. Ou seria, na verdade, um romance de cavalaria ambientada no coração da África?

Em 1937, cansado de trabalhar para os outros, Hal Foster resolveu deixar o personagem de Burroughs para escrever e desenhar as páginas dominicais de sua própria criação: Príncipe Valente, herói dos tempos gloriosos da Távola Redonda.

Naquela nova série, Artur, Lancelot e Melin eram meros coadjuvantes. Sir Gawain (ou Galvão na tradição portuguesa) era o único cavaleiro que realmente tinha alguma importância, pois atuava como um mentor do jovem Valente.

A rigor, Hal Foster não precisava ambientar seu herói “nos tempos do rei Artur”, visto que o rapaz viajava bastante, corria o mundo, aventurava-se no Oriente, lutava com piratas, derrotava gigantes, derrubava tiranos, fazia de tudo um pouco. Valente podia ser um herói medieval, um príncipe corajoso e um cavaleiro excepcional sem precisar viver “nos tempos do rei Artur”. Acontece que o talentoso Hal Foster não deixara Tarzan para correr riscos...

Não sei se ele percebia claramente que a estrutura dramática e o apelo heróico dos quadrinhos de Tarzan, e de outros personagens recém-chegados (como Flash Gordon), remetia diretamente aos romances de cavalaria. Entretanto, com certeza, o artista sabia do poderoso fascínio exercido pelos mitos arturianos no imaginário popular. Inserir Valente entre os cavaleiros da Távola Redonda era sua estratégia para ficar rico (e disso nunca fez segredo).²

Na minha compreensão de menino, o nobre rei Artur, pelo menos em sua juventude, quando deveria estar na plenitude do vigor físico e mental, tinha de ser muito mais fabuloso e destemido do que qualquer um de seus cavaleiros. Se ele, e

somente ele, tinha sido o escolhido por forças superiores para receber a espada mágica Excalibur, então o grande herói daqueles tempos não podia ser outro.

Meu pai adorava o Príncipe Valente e também o mito de Artur. Entretanto, o rei que aparecia no gibi já estava um tanto quanto velho e cansado de guerra. Era um governante bom, sábio e justo; só isso. Infelizmente, não lembrava em nada aquele mito bretão que atualizava outro mito da antiguidade: Alexandre, o Grande. Já o Artur de Hal Foster, que aparecia quase sempre sentado, no fundo, remetia o imaginário do público norte-americano ao presidente da época, Frank Delano Roosevelt.

A evolução da lenda arturiana, de fato, rebaixou a importância guerreira ou heróica do rei. Da crônica pseudo-histórica de Geoffrey of Monmouth, passando pelos contos do amor cortês de Chrétien de Troyes e chegando nas histórias exemplares (de orientação religiosa) escritas por Robert de Boron, o nosso grande Artur foi encolhendo como herói e guerreiro, mas crescendo como governante...

Ao passar da austera prosa latina de Geoffrey para os versos franceses de Chrétien, a literatura arturiana não mudou apenas quanto à forma. Com a crescente voga dos ideais, ritos e costumes da cavalaria, a ênfase em guerras entre povos, marcada pelas batalhas campais e ocasionais combates singulares, foi substituída por conflitos individuais, decididos em duelos, justas e torneios. A figura do rei Artur passou a segundo plano, valendo mais como um ponto de confluência de tudo o que é nobre – fala-se mais na corte do rei do que nele próprio –, e a ação se deslocou para seus cavaleiros, reunidos à volta da Távola Redonda. Os objetivos de um cavaleiro, nesses poemas, não tinham senão ligações remotas com os destinos de sua pátria (...)³

A lenda do pobre menino órfão que se tornou um grande rei distribuidor de justiça fascina jovens há séculos. Um fascínio que também produz histórias.

O poeta Affonso Romano de Sant'Anna, citando Danielle Régner Bohler, conta que, em torno do ano 1200, em um monastério da Renânia, um abade fazia seu sermão para monges e freiras ainda muito jovens, recém-ordenados... Em vez de prestar atenção, eles cochilavam ou roncavam. O velho abade, furioso, parou o sermão e começou a narrar: "Escutai, meus irmãos, era uma vez um rei que se chamava Artur". Ao ouvir isto, todos acordaram atentos. O abade, cada vez mais furioso, fez então sua queixa: quando falava de Deus ninguém prestava atenção, mas quando falava do rei Artur todos se interessavam avidamente.⁴

Há diversas hipóteses para as origens do mito arturiano e poucas certezas.

Existiu um Artur na Bretanha? Se existiu, ele teria vivido entre os séculos V e VI, quando o Império Romano desmoronou, os soldados romanos deixaram a ilha e começaram as lutas internas pelo poder, seguidas pelas invasões saxônicas.

Os registros históricos da Grã-Bretanha do século VI, época portando em que um Artur histórico seria conhecido, não mencionam seu nome nenhuma vez. Há referências esparsas, bastante vagas, em cronistas de séculos posteriores, todos citando outros cronistas. No século IX, a *Historia britonum* (História dos bretões), atribuída a Nennius, mas provavelmente obra de diversos compiladores, inclui um capítulo intitulado "Arthuriana", onde são listadas doze importantes batalhas em que os bretões foram vitoriosos comandados por um certo Artur. Detalhe: não um rei, mas sim um chefe militar. Muitos textos e alguns séculos depois, o guerreiro Artur já era um ilustre rei.⁵

Uma das poucas certezas é que o iniciador do ciclo arturiano propriamente dito foi Geoffrey of Monmouth, bispo bretão, provavelmente nascido em Gales, autor de *Historia regum Britanniae* (História dos reis da Bretanha), concluída em 1135 d.C. O livro narra a epopéia bretã desde sua lendária origem em Tróia, de onde teriam partido para ocupar a Bretanha, até a derrocada final, quando os saxões assumiram o controle completo da ilha. Um capítulo inteiro era dedicado ao reinado do ilustre Artur. Em 1148, o mesmo Geoffrey escreveu uma espécie de adendo à "biografia" de Artur Pendragão, filho de Uther, desta vez em versos: a *Vita Merlini* (Vida de Merlin).⁶

Desde que Geoffrey escreveu, em latim, a sua *Historia regum Britanniae*, longos foram os caminhos percorridos por Artur e sua corte até nossos dias.

Em 1155, sua saga ganhava forma em francês, nos versos do poeta Wace, autor do *Roman de Brut*. Começava assim uma riquíssima tradição literária, continuada por Chrétien de Troyes, Robert de Boron e tantos outros escritores, anônimos em sua maioria, e que ficou conhecida entre os especialistas em literatura medieval como a Matéria da Bretanha.

Como incontáveis autores foram acrescentando novos elementos à lenda arturiana, fazendo aqui e ali pequenas modificações, temos hoje uma razoável quantidade de variações sobre os mesmos temas. Das crônicas em latim aos romances em francês, as muitas e variadas narrativas sobre Artur começaram e recomeram, foram copiadas, adaptadas, transformadas, evoluíram. Elementos como Excalibur, a Távola Redonda e Graal foram acrescentados aos poucos e hoje

são partes indissolúveis da lenda do rei. O complexo universo arturiano foi construído camada por camada, recebendo inestimáveis contribuições da tradição oral e de algumas reinterpretações de textos incompletos, sofrendo intervenções até da Igreja (vide a inserção de Galahad).

Outros exemplos da construção coletiva? São tantos.

Sir Lancelot, ainda bebê, foi levado para o reino encantado da Dama do Lago, onde cresceu com as honras de príncipe, sendo devidamente educado e treinado para se tornar um nobre e destemido cavaleiro. O lago, porém, era uma ilusão mágica criada pela Dama para manter seus domínios a salvo de estranhos. Isto é, os forasteiros enxergavam um lago, mas abaixo do espelho d'água havia terra seca, um reino com castelos, cavalos, florestas, muita caça etc. Tal lago foi inventado *a posteriori* para justificar o porquê daquele bravo herói criado por Chrétien de Troyes no conto *O Cavaleiro da Carroça* (1177) se chamar Lancelot du Lac. Isto é: a biografia do cavaleiro foi imaginada depois que ele se tornou um sucesso como amante da rainha.

E a construção coletiva continuou. Em *Lancelot du Lac*, romance francês do século XIII, de autor desconhecido, podemos ler a origem da famosa Dama do Lago, a fada que criou Lancelot em seu reino encantado. Ela era, na verdade, Ninianne, aprendiz e amante de Merlin, que, por meio de artimanhas femininas, aprendia com o próprio mago as palavras mágicas e os passes para aprisioná-lo para sempre em local secreto.

Eram tantas mudanças, tantos acréscimos, que um cânone literário só seria estabelecido após a invenção da imprensa e após a primeira geração de livreiros-impressores desembarcar na Inglaterra, vinda provavelmente de Gênova.

Em 1485, inspirado em vários outros textos escritos nos séculos anteriores, foi publicado o livro *A morte de Artur*, de Sir Thomas Malory, que logo passou a ser a obra de referência, ou cânone literário, quando se discute o rei Artur e seus cavaleiros. Nela, estão contidos e sintetizados três séculos de construção literária. A obra de Malory, de tão extensa, pode ser classificada como monumental.

Não descobri nenhuma edição brasileira com texto integral, mas a edição portuguesa de *A morte de Artur*, publicada pela editora Assírio e Alvim (Lisboa, 1992), está estruturada em três volumes, cada um de cerca de quinhentas páginas. Com certeza, adaptar livro de tal tamanho e tão recheado de conflitos, episódios e personagens não é tarefa fácil.

A morte de Artur é um livro póstumo, pois Malory morreu em 1471, na cadeia. Filho de uma família aristocrática, combatente na Guerra das Duas Rosas, Sir Thomas cumpriu penas por estupro, assalto a conventos, roubo de cavalos e rebeldia. Foi na prisão que escreveu sua obra-prima, ajudado por um colega de cela que, parece, tinha uma vasta biblioteca de manuscritos sobre o rei Artur.

A morte de Artur foi um dos primeiros livros impressos na Inglaterra.

Mas para mim, repito, tudo começou com Hal Foster.

Minhas recordações arturianas continuam no começo dos anos 1980.

Em 1981, chegou ao Brasil o filme *Excalibur*, do diretor John Boorman (Inglaterra, 1980). Foi um sucesso comercial pelo que me recordo, várias semanas em cartaz, boas críticas na imprensa. Muitos adultos conversando sobre o filme, o adultério da rainha, a amizade entre o marido e o amante... Enquanto isto, havia um bando de adolescentes frustrados porque a censura os impedira de assistir a um filme de cavaleiros por causa das cenas de sexo e de violência.

Muitos professores brasileiros tiveram seu primeiro contato com o mito arturiano por meio de *Excalibur* e houve logo a seguir uma onda de adoções escolares de *Os cavaleiros da Távola Redonda*, adaptação de Stella Leonardos para a Ediouro. Era uma adaptação bem fraquinha, mas continua em catálogo.

Em 1982, Mike Barr (texto) e Brian Bolland (desenhos) lançaram *Camelot 3000*, uma série em doze capítulos mensais baseada na lenda do rei Artur e que se tornou um dos grandes clássicos das histórias em quadrinhos modernas. Desde então, já foi reeditada inúmeras vezes, em vários países. No Brasil, foi lançada em agosto de 1984 e depois republicada em quatro volumes em 1988. Na Europa e nos Estados Unidos, a série continua à venda, disponível em edições de luxo para colecionadores quarentões.

Camelot 3000 marcou uma geração, sua trama apóia-se firmemente na tradição arturiana, pois seu autor aproveitou bastante da Matéria da Bretanha, mas inova com uma ambientação futurística. Das histórias de cavalaria, um salto para as aventuras de ficção-científica. Mike Barr, antes de se consagrar com *Camelot 3000*, estava escrevendo os roteiros para a versão em quadrinhos de *Guerra nas Estrelas (Star Wars)*. Como Hal Foster, quase cinqüenta anos antes, resolveu deixar a adaptação de uma saga de sucesso garantido para se arriscar numa produção própria. Mas, diferente de Foster, ele estava determinado a recolocar Artur Pendragão no seu trono de rei guerreiro.

Diz a lenda que Arthur, gravemente ferido, foi levado para a ilha de Avalon e de lá só voltaria quando a Inglaterra mais precisasse dele. Pois, no fatídico ano 3000, não só a Inglaterra, mas todo o planeta precisará do rei. Dessa vez, os invasores não são os saxões; são os alienígenas que vieram para conquistar a Terra. No futuro imaginado por Mike Barr, a humanidade chegou ao último ano do século XXX no limite dos recursos naturais, às voltas com superpopulação, falta de liberdades democráticas, corrupção em todos os governos, descrédito da sociedade quanto às classes dirigentes etc. A pesquisa espacial fora cancelada séculos antes, não há colônias espaciais, tubos de teleporte ou coisas do gênero. A espécie humana, portanto, está tecnologicamente despreparada para combater no espaço ou rechaçar uma invasão. E os alienígenas continuam a desembarcar suas tropas em solo inglês...

No primeiro capítulo da série, um rapaz está fugindo dos aliens, tentando despistar seus perseguidores no labirinto formado pelo sistema de cavernas do parque arqueológico do Monte Glastonbury. Na mais profunda das cavernas, o rapaz descobre uma cripta. Ao abri-la, descobre um homem, aparentemente um guerreiro medieval, que acaba de despertar de um sono milenar. Quando os invasores alcançam a galeria da cripta, em instantes, o misterioso guerreiro parte para a luta corpo-a-corpo com os alienígenas e vai matando, um por um, todos os inimigos que encontra em seu caminho. O sujeito diz ser o rei Artur. Sua missão: unificar todos os povos do mundo sob seu comando e expulsar os invasores.

Mike Barr aproveitou bastante da Matéria da Bretanha, mas, é claro, criou sua própria versão para certos eventos ou personagens daquela tradição. É realmente impossível criar uma narrativa nova sobre o rei Arthur e seus cavaleiros da Távola Redonda, que seja uma história bem contada, com início, meio e fim, sem fazer certas escolhas... A Matéria da Bretanha é um tipo de mitologia, assim sendo, qualquer adaptação ou versão atualizada, seja na forma de cinema, teatro, literatura ou quadrinhos, implicará necessariamente em interpretação, seleção, corte e edição de elementos.

Morgana, por exemplo. Eis uma personagem que evoluiu bastante desde *A Vida de Merlin*, em que ela era uma das nove irmãs que governam em Avalon, aquela “sábia nas artes de curar” e primeira em formosura. Ela era uma fada e teria levado o nobre monarca para seu quarto, “em áureo leito, com mão prudente

lhe descobre a chaga, a contempla e por fim diz ao rei que, se quiser os filtros seus provar, e muito tempo lá ficar com ela, salvo haverá de ser”.⁷

Lembrava um pouco o caso de Hércules; ao morrer, foi levado ao Monte Olimpo e lá ganhou a deusa da juventude como esposa, uma justa recompensa por sua vida de aventuras e batalhas. A bela fada Morgana, nesta primeira versão, era a amante-recompensa de Arthur, que ficaria usufruindo dos seus favores até o dia de retornar à Inglaterra.

Em *Camelot 3000*, como em muitas outras versões anteriores, inclusive o já citado filme *Excalibur*, Morgana é uma feiticeira, irmã de Arthur por parte de mãe, e odeia o meio-irmão a ponto de ter com ele um filho, Mordred, para que esse filho maldito seja o causador da ruína do pai. Sendo assim, quem cuidou do rei durante sua estada em Avalon? E como Arthur saiu de Avalon para a cripta na mais profunda das cavernas é um mistério, nem ele sabe.

Em 1985, no dia em que chegou às bancas o último capítulo brasileiro de *Camelot 3000*, houve tumulto no Colégio Santo Inácio porque dois exemplares da revista foram contrabandeados logo de manhã cedinho para dentro do terceiro ano colegial; um circulou na turma 32, outro na 34. Vários alunos queriam ler ao mesmo tempo, aquela confusão... Não foi uma manhã fácil para os professores. Houve um rapaz, com fama de palhaço, que começou de repente a gritar “Ele morreu! Ele morreu!” em sala de aula e, por isso, levou um soco do colega que ainda não tinha lido o desfecho da história. Briga em sala de aula sempre acaba na coordenação, aquele vexame. O mais difícil foi os rapazes conseguirem explicar o motivo da briga. Na outra turma, a revista em circulação foi despedaçada por três leitores em conflito, mas o acerto de contas ficou para a hora do recreio.

Aproveitando aquele momento oportuno, a EBAL começou o relançamento da saga *Príncipe Valente nos tempos do rei Artur* em álbuns de luxo. Pais e filhos já podiam sentar juntos para conversar sobre cavaleiros andantes, e claro que toda conversa sobre Galahad, o invencível cavaleiro sem mancha, terminava em Dom Quixote, o cavaleiro da mancha.

São velhas recordações de uma geração arturiana que chegou a procurar, sem sucesso, por edições da obra de Malory em sebos. (Teve quem não perdeu a viagem e trouxe Cervantes para casa.) Assim sendo, para ler o cânone é preciso, ora pois, importar de Portugal. A tradição do grande rei pode estar presente e forte

em filmes, outros livros, gibis, *games* e até em RPGs, mas para ensinar a versão clássica aqui no Brasil, só recorrendo às adaptações escolares.

6.1 ANA MARIA MACHADO E AS AVENTURAS DA TÁVOLA REDONDA

O rei Artur e os cavaleiros da Távola Redonda, de Ana Maria Machado, é uma adaptação juvenil baseada na obra monumental de Sir Thomas Malory, tem oitenta páginas e apenas algumas ilustrações decorativas feitas a traço. Trata-se de uma adaptação convencional, linear, segue rigorosamente os padrões da indústria editorial voltada para vendas por adoção escolar. Por escolha de Ana Maria, é uma narrativa-relato, pois tenta, dentro da medida do possível, guiar-se pela *story* tal como foi estruturada por Malory. Uma escolha difícil.

Resumir cerca de mil e quinhentas páginas de texto em oitenta? Como?

A primeira decisão sobre seleção de conteúdo foi deixar todas as histórias envolvendo o amor impossível de Tristão e Isolda fora desta adaptação. Um único corte que elimina um terço do texto de Malory e evita a duplicidade de um triângulo amoroso envolvendo rei-rainha-cavaleiro. Venhamos e convenhamos, há semelhanças demais entre Artur-Guinevere-Lancelot e Marcos-Isolda-Tristão.

A seguir, sem se desviar do enredo de Malory, Ana decidiu deixar de fora dezenas de contos dos cavaleiros da Távola Redonda e as subtramas, concentrou-se em origem, ascensão, auge, queda e desaparecimento do rei. Para tanto, reduziu as vinte e uma partes que formam o texto canônico a apenas quatro: "O rei Artur", "Lancelot do Lago", "A procura do Santo Graal", "A morte de Artur".

Para enxugar tanto e não perder algumas das melhores cenas, ou aquelas cenas capitais de que falava Robert Louis Stevenson, Ana Maria usou a técnica da conflação, quando necessário, para fundir personagens (haja cavaleiros!), objetos ou episódios, simplificando a narrativa de modo a manter a unidade de ação. Senão, teríamos uma coleção de episódios diversos em vez de uma narrativa que caminha de forma coerente para clímax e desfecho. Há momentos em que Sir Lancelot sai de Camelot para uma aventura e vai parar em outra completamente diferente, mas só percebe isto quem está familiarizado com o ciclo arturiano.

A principal conflação deste livro é de objetos: as duas espadas mágicas de Artur tornam-se uma só. A primeira foi a espada da pedra (ou bigorna), que o fez rei da Inglaterra, e mais tarde se quebrou em combate. A segunda, seu símbolo de

poder, chamada Excalibur, foi presente da Dama do Lago (ou Senhora do Lago), e para o Lago voltou quando Artur estava à morte.

Na adaptação de Ana Maria, a espada da pedra já era Excalibur. E quando esta se quebrou em pedaços, a Dama do Lago apareceu para o rei e seu mago, "segurando a espada belíssima, inteira novamente".⁸

Antes de Ana, outros autores já tinham usado esta idéia e a comunicação de massa ajudou bastante a difundir-la. Tanto em *Excalibur*, o filme de 1980, como em *Camelot 3000*, a série de quadrinhos de 1982, as duas espadas são uma só.

Na tradição canônica, o cavaleiro que quebrou a espada e quase matou o rei se chama Pellinor. Já na adaptação de Ana Maria, é o jovem Lancelot em seu primeiro encontro com Artur. Outra idéia difundida por *Excalibur*.

Com muita atenção, pode-se encontrar outra passagem bem interessante... Ao apresentar o mago Merlin aos seus leitores, a adaptadora escreve que ele não tinha endereço certo, vivia no meio das neblinas de Avalon, uma ilha no meio de um lago, que abrigava um reino misterioso, o antigo País das Fadas, "uma região tão indefinida que suas fronteiras apareciam e desapareciam, recuando para mais longe à medida que a Inglaterra ia consolidando seu reino".⁹ Ora, esta referência a Avalon e sua descrição não tem nenhum apoio em Malory, mas em Marion Zimmer-Bradley, autora de *As brumas de Avalon*, versão feminista e *best-seller* do ciclo arturiano.

Cortando, resumindo e fundindo, a saga de Artur e seus cavaleiros começa a caber em apenas oitenta páginas. Entretanto, com a trama assim tão reduzida em sua complexidade, não ficaria bem mais difícil narrar aquelas passagens referentes a adultérios, incesto, estupros, matança, vingança? Sim. Mas Ana Maria não foge das situações, tenta minimizá-las, procura evitar qualquer sensacionalismo sendo rápida e discreta em sua abordagem.

Sobre a concepção de Mordred, ela escreve que Merlin era o único a saber que Artur e Margawse, a esposa do rei Lot, eram filhos da mesma mãe, Igrane. Depois, descreve o incesto assim: "Como Margawse era dama de extraordinária beleza, o rei Artur sentiu-se imediatamente fascinado. E ambos, desconhecendo seu estreito parentesco, cederam a essa paixão fulminante. Dessa ligação nasceria mais tarde Mordred, o inimigo mortal do rei Artur, como será contado em seu tempo."¹⁰ Tempos depois, o mago Merlin diz ao seu soberano que "Deus está

triste contigo porque deitaste com tua irmã e geraste nela uma criança que será a tua destruição e de todos os teus cavaleiros".¹¹

Mordred só reaparecerá como personagem perto do final, ao denunciar o adultério de Lancelot e Guinevere. E Ana Maria menciona apenas uma vez mais que o vil conspirador e usurpador é filho do rei, sem recapitular que ele nasceu de adultério e incesto.

A título de comparação, a Cia. das Letras publica uma adaptação juvenil com o título de *Lendas do Rei Artur*, escrita por Margaret Simpson, que é uma narrativa-fábula (baseada na *fabula*) e forma para o leitor um panorama do que seria o mundo arturiano. É um ótimo livro, bem-humorado, muito bem escrito e que foge daquele estigma de mediocridade que costuma perseguir a adaptação descritiva. Seu compromisso, entretanto, é informar o leitor adolescente sobre Artur, Merlin, Lancelot, Guinevere, Gawain, Morgana etc. A linguagem escolhida não é literária, usa-se uma combinação criativa de textos e imagens, com diversas simulações que remetem à linguagem jornalística ou aos quadrinhos. É divertido e agradável, mas não é literatura, não se guia por Malory. E embora pareça livre na forma, e faça até umas piadinhas feministas, esta é uma adaptação covarde no conteúdo. Incesto? Não tem, não. Mordred é tão somente o sobrinho malvado e traiçoeiro de Artur, ponto final. Ora, se Mordred não for filho e herdeiro do rei a grande guerra no final se enfraquece, perde sentido o drama do combate singular em que pai e filho se matam.

Um exemplo rápido pode explicar meu ponto de vista sobre Simpson:

Em um pronunciamento feito de surpresa ontem à noite, sir Mordred anunciou que o rei Artur e sir Lancelot morreram em combate cara a cara na França. Ele disse que é agora o rei da Inglaterra e que deve se casar com a rainha Guinevere em breve. (...) A rainha, que fugiu para a Torre de Londres ao receber a notícia, afirmou não acreditar nas informações. Ela disse também que não tem nenhuma intenção de se casar com sir Mordred. (...) ¹²

(...)

A tentativa do rei Artur de trazer a paz de volta ao reino teve um final abrupto hoje, e por causa de uma víbora! Na semana passada, numa tentativa de poupar o reino de mais sofrimento e matança, o rei Artur propôs a **seu perigoso sobrinho Mordred** [grifo meu] que os dois assinassem um tratado de paz. Durante toda a semana, representantes das duas partes trabalharam nos bastidores tentando definir os termos. Hoje de manhã, parecia que eles tinham conseguido. Ambos os líderes, cada um acompanhado de catorze cavaleiros, se encontraram em uma colina de Camlann. Não muito longe dali, seus exércitos aguardavam e observavam. O clima era tenso, porém cheio de esperança, enquanto **o rei e seu sobrinho** [grifo meu] assinavam seus nomes, mas eis que o desastre se abateu.

Uma víbora serpenteou para fora de umas samambaias e um jovem cavaleiro sacou a espada para matá-la. O exército oponente viu o brilho do aço e o interpretou como um alarme. Eles soaram suas cornetas e sacaram as espadas. Milhares de homens perderam suas vidas na luta encarniçada que se seguiu, incluindo sir Mordred.¹³

A rigor, Margaret Simpson não mudou nada; Mordred é sobrinho de Artur, temos aqui é uma descrição verdadeira, ainda que incompleta, mas que enfraquece a trama. Foi uma escolha. Simpson deixou sexo e violência fora de sua adaptação e assim selecionou as informações pertinentes dentro destes parâmetros.

Agora, podemos dar uma lida no texto de Thomas Malory e comparar:

Sendo Sir Mordred governador de toda a Inglaterra, mandou fazer umas cartas como se viessem do lado de lá do mar, e as cartas diziam mui certo que o Rei Artur fora morto em batalha com Sir Lancelot. Por isso Sir Mordred mandou reunir um parlamento, para onde convocou todos os senhores, e ali fez que o escolhessem para rei; e assim foi coroado em Cantuária, onde mandou celebrar uma festa que durou quinze dias; e depois tomou o caminho de Winchester, e aí **tomou a Rainha Guinever, e disse aberta e claramente que desposaria aquela que fora a mulher de seu tio e a mulher de seu pai** [grifo meu]. E assim se aprestou para a festa, e fixou o dia das bodas. E por isso tudo, estava a Rainha Guinever mui pesarosa. Mas não se atrevia a desvendar o que lhe ia no coração, e falava palavras amáveis, e acomodou-se à vontade de Sir Mordred.

Então deu mostras a Sir Mordred do seu desejo de ir a Londres, para comprar todas as maneiras de coisas que pertenciam à celebração das bodas. E com estas palavras de cativação Sir Mordred confiou nela mui bem, e deu-lhe a sua licença para ir de abalada. Mas ao chegar a Londres, ela tomou a Torre de Londres; e mui de súbito, e com toda a celeridade que pôde, abasteceu-a com todas as maneiras de vitualhas, guarnecendo-a mui bem de homens, e assim a guardou.

Quando Sir Mordred soube isto, e entendeu como havia sido enganado, tomou-se de grande ira, fora de toda a medida. E para encurtar o conto, ele foi e pôs poderoso cerco à Torre de Londres, e fez muitos e grandes assaltos, e arremessou muitos e grandes engenhos, e fez disparos de grandes trons. Mas toda a força e poder de Sir Mordred não puderam levar a melhor, pois a Rainha Guinever nem por falas mansas nem por palavras de ameaça quis tornar outra vez às suas mãos.

Então chegou o Bispo de Cantuária, que era nobre clérigo e homem santo, e falou assim a Sir Mordred: "Senhor, que quereis fazer? Quereis ofender a Deus e depois fazerdes afronta a vós próprio, e a toda a cavalaria? **Não é o Rei Artur vosso tio, nada menos que o irmão de vossa mãe, o mesmo Rei Artur que nela vos engendrou, na sua própria irmã? Se é assim, como podereis vós desposar a mulher de vosso pai?** [grifo meu] Senhor, abandonai este propósito, ou terei de vos excomungar com o livro, a campainha e a vela." (...) ¹⁴

(...)

Depois [de avisar o rei que Lancelot chegaria com seus cavaleiros em um mês e um dia para matar Mordred e resgatar a honra e o merecimento de Artur], Sir Gawain [seu fantasma] desvaneceu-se, e também todas as damas. E logo o rei chamou os seus cavaleiros, escudeiros e servos, e deu-lhes o encargo firme de buscarem e trazerem os seus nobres senhores e os sábios e prudentes bispos. E

quando chegaram, o rei contou-lhes a sua visão, e o que Sir Gawain lhe dissera, e que o prevenira de que se lutasse no dia de amanhã haveria de morrer.

Então o rei mandou a Sir Lucan, o Mordomo, e seu irmão Sir Bedevere, e com eles dois bispos, que fossem a Sir Mordred, e deu-lhes o encargo de fazerem um tratado com ele, de qualquer guisa e como pudessem, e "que seja por um mês e um dia, e nada poupeis, e fazei-lhe a oferta de todas as terras e toda a fazenda que vos parecer melhor".

Então eles abalaram, e foram a Sir Mordred, que tinha uma tremenda hoste de cem mil homens. E ali houveram trato com Sir Mordred, por muito e longo tempo; e por fim Sir Mordred deu o seu assentimento e em troca guardaria para si a Cornualha e Kent, durante os dias de Artur; e toda a Inglaterra, depois dos dias de Artur. (...)

Então concertaram que o Rei Artur e Sir Mordred se encontrariam entre ambas as hostes, e cada um deles haveria consigo catorze pessoas; e com esta palavra tornaram a Artur.

Então ele disse: "É grande o meu contentamento por isso haver sido feito" e entrou no campo.

E quando o Rei estava para abalar, preveniu toda a sua hoste que se vissem alguma espada desembainhada, "tratai de acometer mui bravamente, e matar aquele traidor, Sir Mordred, pois de nenhuma guisa se pode confiar nele".

Da mesma guisa preveniu Sir Mordred a sua hoste: "E se virdes alguma espada desembainhada, tratai de acometer mui bravamente, matai todo aquele que vos aparecer pela frente; pois de nenhuma guisa me fio nesse tratado, pois eu sei mui bem que meu pai se quer vingar de mim."

E encontraram como havia sido concertado, e mui inteiramente fizeram o seu assentimento e reconciliação; e mandaram buscar vinho e beberam dele.

Nisto apareceu uma víbora que saíra de uma pequena moita de urze, e mordeu um cavaleiro no pé. E quando o cavaleiro sentiu a mordedura, olhou para baixo e viu a víbora, e então sacou da espada para matar a víbora, sem pensar em qualquer dano. E quando as hostes dos dois lados viram aquela espada desembainhada e nua, sopraram as suas trombetas, e os cornos, e começaram uma grande e terrível grita. E ambas as hostes arremeteram uma contra a outra. (...)

Então o rei olhou em seu redor, e deu conta de que, de toda a sua hoste e de todos os seus bons cavaleiros, os vivos não eram mais que dois cavaleiros; e desses, um era Sir Lucan, o Mordomo, e o outro seu irmão Sir Bedevere, e estavam os dois mui mal feridos. (...)

Então o Rei Artur deu conta de onde estava Sir Mordred, apoiado na sua espada entre um grande moitão de mortos.

"Dai-me agora a minha lança", disse Artur a Sir Lucan, "pois vejo além o traidor que foi a causa de toda esta desgraça". (...) "Venha o que vier, a morte ou a vida", disse o rei, "agora que além o vejo, só como está, eu vos digo que das minhas mãos não há de escapar, pois nunca o tive à minha mercê como agora o tenho".

Então o rei tomou a sua lança em ambas as mãos, e correu para Sir Mordred, bradando: "Traidor, chegou o dia da tua morte."

E quando Sir Mordred ouviu Sir Artur, correu par ele brandindo na mão a sua espada nua. E ali o Rei Artur feriu Sir Mordred por debaixo do escudo, com um golpe da sua lança, e trepassou-lhe o corpo mais de uma braça. E quando Sir Mordred sentiu que havia recebido a sua ferida de morte, trespassou-se com a lança, e com toda a força e poder que ainda tinha, até aos copos da lança do Rei Artur. E de seguida feriu o seu pai Artur, empunhando a espada com ambas as mãos, no flanco da cabeça, de sorte que a espada rachou o elmo e os ossos da cabeça; com isto Sir Mordred tombou morto por terra; e o nobre Artur caiu desfalecido por terra, e por muitas vezes ali tornou a desfalecer.¹⁵

O texto de Malory é forte, bastante carregado nas emoções e motivações dos personagens. **Não se trata de uma guerra qualquer, não é política, é pai contra filho.** Mordred faz questão absoluta de tomar a mulher do pai, mesmo que isto seja contra a moral, a Igreja e as regras da cavalaria. E ele não um filho comum, mas um bastardo, gerado por uma relação adúltera e incestuosa. Nasceu maldito, pois foi profetizado que ele seria a desgraça do reino e também causa da morte do rei. No fim, a profecia se cumpriu.

Mesmo com suas confluências de espadas e personagens, Ana Maria tentou ao máximo não se desviar de Malory, respeitou sua *story*, e fez o possível para manter a força dos personagens e o impacto dos acontecimentos narrados.

Vale a pena ler as palavras escritas por Ana Maria e depois reler Malory:

Enquanto ocupava o trono da Inglaterra, Sir Mordred forjou cartas que, supostamente vindas da França, noticiavam a morte de Artur em combate com Lancelot. Sem perda de tempo convocou o Parlamento e o obrigou a escolhê-lo como novo rei. Mordred foi coroado em Canterbury e, mesmo diante do pavor de todos, decidiu casar-se com Guinevere.

Temendo por sua própria vida, a rainha não o contrariou. Com palavras doces persuadiu Mordred da necessidade de ir a Londres, encomendar o indispensável para as núpcias.

Ali chegando, Guinevere se refugiou na fortaleza conhecida por Torre de Londres, que encheu de víveres para resistir a um longo cerco. E guarneceu seu refúgio de homens bem armados, enquanto mandava um mensageiro à França.

Quando Mordred soube que havia sido enganado, furioso, sitiou a Torre de Londres com suas tropas e promoveu diversos assaltos. Mas nem todas as forças convocadas por Mordred fizeram com que a rainha caísse em suas mãos novamente. O Arcebispo de Canterbury tentou interferir, fazendo-o lembrar-se de que **o rei Artur, na verdade, era seu pai** [grifo meu] e que seu casamento com Guinevere seria uma terrível mancha para toda a Cavalaria. Mas nada dissuadia aquele homem fascinado pelo poder.¹⁶

(...)

Logo que acordou, Artur mandou chamar os nobres comandantes do seu exército e lhes contou o sonho e a visão. Todos foram unânimes: seria bastante prudente considerá-los como aviso. Então foram todos propor a Mordred uma divisão de terras. Ele teria imediatamente a Cornualha e Kent e, quando Artur morresse, herdaria toda a Inglaterra. Ficou acertado que o rei e seu inimigo se encontrariam entre os dois exércitos, e cada um levaria apenas quatorze pessoas.

Antes do encontro, Artur chamou seus homens e lhes disse:

— Se virdes alguém desembainhar uma espada, é porque algo não foi bem, e deveis atacar ser demora.

Avançou com o séquito, deixando seu exército preparado. Mordred havia feito igual recomendação às suas tropas, temendo uma cilada por parte do rei. Depois de firmado o acordo, os dois chefes tomavam vinho juntos, quando uma cobra saiu de trás de uma moita, assustando um cavaleiro que, rapidamente, puxou a espada da bainha para matá-la. Foi o sinal! À vista daquela espada desembainhada, as tropas de ambos os lados fizeram soar trompas, trombetas e buzinas e avançaram gritando, num grande tropel.

Deu-se a mais cruenta batalha que jamais se tinha visto em terra cristã. Ao cair da noite apenas dois dos cavaleiros de Artur restavam com vida, mas muito feridos: Sir Lucan, o mordomo, e o seu irmão Sir Bedivere. Nesse momento, Artur viu levantar-se Mordred, em meio aos cadáveres. Não se conteve e avançou para ele, gritando:

— Traidor, é chegada a tua hora!

Mordred sacou da sua espada e correu para o rei. No confronto, Artur atravessou o corpo de Mordred com a lança, matando-o, mas a espada do inimigo transpassara o elmo e o crânio do rei, que caiu desmaiado.¹⁷

Ana Maria soube definir as cenas capitais do enredo para atualizá-las, sem se descuidar da linguagem empregada. Seu texto está simples e acessível ao leitor adolescente, mas sem descuidos ou concessões desnecessárias ao coloquialismo.

A cena final entre Artur e Mordred está fiel, impactante como tem de ser.

Mas a história contada por Ana Maria não está completa, nem perfeita.

Primeiro, a imperfeição.

Para justificar que Artur tenha deitado com a própria irmã, a adaptadora sustenta que o rei não sabia do parentesco, é o que está escrito ali na página 16 do livro. Entretanto, logo na página anterior, vemos Merlin revelando a uma multidão que o jovem Artur é filho de Igrane, a duquesa de Tintagil. Vá lá que o herói não estivesse na cena e, portanto, não tenha testemunhado aquela revelação sobre sua verdadeira identidade. Mas não é crível que tantos ingleses, entre reis, generais, bispos, cavaleiros e escudeiros, soubessem a origem de Artur e o próprio tivesse que esperar a página 23, depois de ter engravidado Margawse, para ouvir do mago o nome de sua mãe.

Agora, a grande ausência, o corte fundamental.

Como expliquei antes, Merlin disse que "Deus está triste contigo porque deitaste com tua irmã e geraste nela uma criança que será a tua destruição e de todos os teus cavaleiros". E o que faz Artur? Pede ao mago: "conta-me tudo sobre meu pai e minha mãe". Depois disto, "de volta à corte, Artur mandou chamar sua mãe para que pudesse confirmar a história de Merlin". A seguir, "o rei comunicou ao mago o desejo de seus nobres de que ele se casasse". E a narrativa segue para o casamento com Guinevere.

Pois bem, na tradição canônica, ao saber sobre o nascimento do filho incestuoso e ouvir a profecia de que um dia "a criança será a tua destruição e de todos os teus cavaleiros", o rei dos bretões agiu como um monarca do século V: sem piedade, mandou matar todos os recém-nascidos na tentativa de eliminar o

bastardo e alterar o destino. Não funcionou, Mordred sobreviveu para se tornar o vilão da história.

Nenhuma adaptação infantil ou juvenil consegue lidar com esta questão.

Nenhuma adaptação escolar pode legitimar o infanticídio.

E temos aqui o ponto de interseção entre todas as adaptações sobre o bravo e justo rei Artur disponíveis no mercado editorial brasileiro: o silêncio absoluto sobre a matança dos bebês. Uma mutação consagrada.

Por outro lado, as muitas versões em quadrinhos do rei Artur (houve outras depois de *Camelot 3000*) exploram a violência desta matança como um poderoso elemento dramático, nem que seja para o rei finalmente enfrentar sua culpa e pedir perdão a Deus.

Ana Maria Machado e os demais adaptadores de Malory protegem assim o caráter do rei e também sua simbologia para os tempos modernos. Mais do que um simples corte, há uma estratégia tácita, abençoada pelo sistema educacional.

Poder perguntar diretamente aos leitores na escola o que eles pensam de um rei matador de criancinhas foi um dos pontos fortes de minha pesquisa de campo. E posso adiantar que eles referendaram esta estratégia de silêncio.

6.2 LENDO O REI ARTUR: UM ESTUDO DE CASO

Minha pesquisa de campo sobre *O rei Artur e os cavaleiros da Távola Redonda*, a adaptação juvenil escrita pela escritora Ana Maria Machado para a Scipione, foi realizada no primeiro semestre de 2004.

Acho pertinente lembrar que a citada editora publica duas coleções de clássicos adaptados, uma para crianças (a Reencontro Infantil, para leitores de 9 a 11 anos) e outra para adolescentes (a Série Reencontro, concebida para leitores de 11 a 14 anos); e informar que ambas as coleções possuem um livro com o título *O rei Artur e os cavaleiros da Távola Redonda*. A adaptação infantil foi escrita por Laura Bacellar, que concedeu dois depoimentos específicos sobre o uso da técnica narrativa de confluência e da necessidade de adequação do comportamento moral dos personagens como contribuição para esta tese (ver Anexos).

Graças à boa vontade da Prof^a. Lenilse Pimentel Resende, tive livre acesso à turma 77 do Colégio Santo Inácio, em Botafogo, Zona Sul do Rio de Janeiro. Pude, então, conversar com os trinta e nove alunos da turma, formada por

meninos e meninas, e aplicar dois questionários de avaliação: um antes da leitura da adaptação de Ana Maria Machado e outro depois.

Ah, sim. Apliquei um quadragésimo questionário a dois alunos do Colégio Princesa Isabel, Yuri e Hayron Maia, irmãos gêmeos de treze anos (na ocasião), que responderam juntos. São bons rapazes, leitores curiosos, exímios jogadores de RPG e costumam me servir, de vez em quando, como "cobaias de leitura".

Por ser vital, repito a informação de que todos os garotos-leitores foram voluntários, não lucraram nada além do próprio exemplar de *O rei Artur e os cavaleiros da Távola Redonda* que cada um ganhou. Não estavam, portanto, obrigados a ler a adaptação nem a responder os questionários. De fato, sete não leram e entregaram seus questionários em branco. Outros não leram o livro inteiro e deixaram de responder certas perguntas. A maioria, porém, leu e respondeu, correspondendo às minhas expectativas.

Meus primeiros contatos com a turma 77 tiveram como objetivo sondar o quanto aqueles alunos, adolescentes de treze, catorze anos, já com boa prática de leitura, sabiam acerca dos mitos arturianos e de onde vinha tal conhecimento. Foi fácil perceber que quase todos tinham uma vaga noção sobre "um grande rei da Inglaterra que tirou uma espada de uma pedra e governou com a ajuda do mágico Merlin e dos cavaleiros". Poucos pareciam saber algo sobre a rainha Guinevere ou mesmo sobre as façanhas de Lancelot. O primeiro questionário logo esclareceu esta questão.

Havia quem conhecesse livros como *As Brumas de Avalon* ou *O rei do inverno*, séries de quadrinhos como *Camelot 3000* ou filmes como *Excalibur*, mas o que realmente constituía a base de conhecimento daquela turma sobre o mito arturiano era o desenho animado *A espada era a lei*, dos estúdios de Walt Disney. Apesar de ser um desenho antigo, lançado em 1959, é fácil de se encontrar, seja no formato VHS ou DVD, em locadoras ou bancas de jornal. A visão básica que os garotos tinham de Artur era aquela apresentada no desenho.

Confirmar a hipótese de "contaminação" do horizonte de expectativas dos leitores jovens e ainda inexperientes pela indústria cultural (*A espada era a lei*), foi importantíssimo. Apesar desta hipótese ser altamente provável, ela não teria como ser demonstrada sem pelo menos um estudo de caso. Da mesma maneira, a reação indignada e intolerante dos estudantes para com o rei infanticida (um tipo

de herói incompatível com a moral ensinada atualmente) precisava ser medida e documentada.

Nos primeiros encontros, tive o cuidado de motivar os alunos para a pesquisa debatendo se teria existido ou não um Artur histórico e fazendo comentários básicos sobre as relações entre mitos, história e literatura. Em momento nenhum, garanto, forneci informações objetivas que eles pudessem usar para responder o questionário 1 (aplicado no dia em que distribuí os exemplares da adaptação, antes que tivessem acesso aos livros) ou o questionário 2 (aplicado após a leitura da narrativa de Ana Maria Machado).

O questionário 1 foi estruturado em duas partes: três questões discursivas e cinco de múltipla-escolha. Noções vagas adquiridas de diferentes formas e também o reconhecimento de nomes podiam ajudar o aluno a acertar a questão. Já o questionário 2 é todo discursivo, com dez perguntas que exigem a leitura do livro. Ambos os questionários exigiam a identificação do aluno e sua idade.

Um terceiro questionário foi aplicado depois para comparar a adaptação literária de Ana Maria Machado com o filme *Excalibur*. O Santo Inácio conta com uma excelente sala de projeção, com tela grande e conforto de um cinema. Exibir o filme foi fácil e prático. Os adolescentes pareceram bem entusiasmados com a possibilidade de trabalhar com diferentes registros.

A comparação entre filme e livro proporcionou gratas surpresas.

Para interpretar as repostas dadas pelos alunos às questões discursivas dos três questionários, estabeleci como estratégia metodológica identificar os tópicos mais frequentes. Por exemplo, a leitora Ana Carolina Figueiredo ao escrever no questionário 1 que "Artur foi o maior rei da Bretanha, lutou bravamente contra os saxões, tinha o apoio de Merlin e se casou com Guinevere" fez citações a quatro tópicos básicos: rei da Bretanha, luta contra saxões, apoio de Merlin e casamento com Guinevere.

Por sua vez, tópicos como "rei da Bretanha" ou "rei da Inglaterra" podem ser resumidos no elemento "REI". As diferentes citações a "Excalibur", "espada na pedra", "espada na bigorna" ou mesmo "espada mágica" podem ser resumidas no elemento "ESPADA".

Listando os elementos de enredo mais citados pelos leitores, temos um padrão passível de análise. Por exemplo, se vinte alunos responderam que Artur era rei e onze que ele tinha uma espada chamada Excalibur, então o elemento

"REI", por ter sido citado mais vezes, pode ser considerado como hierarquicamente superior ao elemento "ESPADA" na recepção dos leitores.

Contar o número de citações espontâneas permite quantificar o que ficou na lembrança dos leitores e, por conseqüência, destacar qual elemento de enredo veio primeiro à mente. Óbvio que isso não nos permite afirmar nada sobre o que o leitor gostou. Mas sobre o que ele lembrou, sim. Ou seja, a informação que sua memória considerou relevante. Eu queria saber, afinal, o que permaneceu como informação na mente do leitor.

A seguir, uma reprodução do questionário 1 apresentado aos alunos.

QUESTIONÁRIO 1: O rei Artur e os cavaleiros da távola redonda

Seu nome: Sua idade:

Por favor, responda às perguntas abaixo sem consultar enciclopédias, *sites* da internet ou professores. O que você aprendeu em filmes, quadrinhos, conversas com amigos, *games* ou outros livros já lidos é perfeitamente válido. Não tenha medo de errar, mas seja sincero em suas respostas. Evite questões em branco. Se for inevitável, escreva "não sei".

1. O que você sabe sobre o rei Artur Pendragão? Responda em no máximo duas linhas.

2. Você conhece algum livro ou filme sobre o rei Artur? Qual?

3. Quem foi Lancelot do Lago? Responda em apenas uma linha.

4. Qual o nome da espada do rei Artur? Assinale somente uma opção.

- a) Excaliber b) Cantante c) Morgana **d) Excalibur**

5. Qual o nome do reino de Artur Pendragão? Assinale somente uma opção.

- a) Avalon **b) Logres** c) Gales d) Camelot

6. Como se chamava o mago e mentor de Artur? Assinale somente uma opção.

- a) Merlin** b) Destino c) Magnus d) Estranho

7. Qual foi a grande aventura dos cavaleiros de Artur ? Assinale somente uma opção.

- a) A cruzada b) O Santo Sepulcro **c) A busca do Graal** d) O castelo de Sherwood

8. Como foi a morte de Artur? Assinale somente uma opção.

- a) Em combate b) Envenenado c) Por feitiço **d) Não morreu**
-

Na primeira questão (*O que você sabe sobre o rei Artur Pendragão?*), com quinze respostas em branco, os elementos de enredo mais lembrados foram:

Rei da Inglaterra/Bretanha	20 citações
Espada/Excalibur	11 citações
Távola Redonda/Cavaleiros	4 citações
Merlin/Mago	3 citações
Órfão	1 citação
Filho do rei	1 citação
Santo Graal	1 citação
Morgana	1 citação
Morto pelo filho	1 citação
Luta com saxões	1 citação
Guinevere/Rainha	1 citação

Como o estudante podia citar diferentes tópicos em sua resposta, o número de citações foi além da marca de quarenta. Nenhum problema nisto, pois aqui o relevante é reconhecer a noção prévia que os estudantes já carregavam desde antes da leitura do livro de Ana Maria Machado; de que Artur foi rei da Inglaterra e subiu ao trono tirando uma espada muito especial de uma rocha/bigorna. Noção correta, embora um tanto quanto vaga, mas que se articula bem com a citação predominante na questão seguinte.

Na questão 2, sobre quais seriam as referências prévias dos alunos (*Você conhece algum livro ou filme sobre o rei Artur? Qual?*), também com quinze respostas em branco, era meu desejo conferir até que ponto a indústria cultural estaria fornecendo o primeiro contato daqueles alunos com a tradição arturiana. As respostas parecem confirmar a hipótese:

A espada era a lei	15	desenho animado infantil
As Brumas de Avalon	2	livro, trilogia para adultos
Monty Phyton e o Cálice Sagrado	2	filme, comédia adulta
Os cavaleiros da Távola Redonda	2	livro, adaptação infantil
O rei do inverno	1	livro, trilogia para adultos
Camelot 3000	1	quadrinhos, série para jovens
Excalibur	1	filme, épico para adultos
Rei Artur (Cia. das Letrinhas)	1	livro, adaptação infantil

A supremacia do desenho animado *A espada era a lei* é óbvia. O mote deste filme é mostrar como um pobre menino órfão chegou ao trono da Inglaterra por meio de um feito extraordinário; só o jovem Artur, entre todos os ingleses, mesmo os fortes e justos, seria capaz de retirar uma espada mágica encravada numa pedra, no pátio de uma igreja. Sendo um legítimo Walt Disney, este filme é quase uma versão masculina da Cinderela.

Merece destaque o fato de que os elementos de enredo Rei da Inglaterra + Excalibur + Cavaleiros da Távola Redonda + Merlin, os mais lembrados na questão 1, estão todos apresentados no desenho.

Na questão 3, sobre o cavaleiro Lancelot (*Quem foi Lancelot do Lago?*), com dezesseis respostas em branco, as definições mais lembradas foram:

Cavaleiro da Távola Redonda	12
Amante da rainha	9
Melhor guerreiro de Artur	8
Melhor amigo de Artur	3
Herói valente	1

Dos dezesseis alunos que deixaram de responder esta questão, cinco deles informaram ter assistido ao desenho animado *A espada era a lei*, onde não há absolutamente nenhuma citação ao cavaleiro Lancelot.

Nas questões seguintes, todas de múltipla-escolha, a margem de acerto dos alunos foi bastante alta. Compreensível, pois as respostas, agora, não dependiam mais de lembranças espontâneas. Para acertar, bastava selecionar uma entre as opções dadas, que eram basicamente palavras-chave. Um certo reconhecimento de nomes famosos garantiria o acerto. Vejamos:

Na questão 4 (*Qual o nome da espada do rei Artur?*), trinta e nove alunos assinalaram Excalibur (d) e apenas um marcou Morgana (c).

Na questão 5 (*Qual o nome do reino de Artur?*), ninguém assinalou a resposta certa: Logres (b). Mas trinta e seis estudantes marcaram Camelot (d) e quatro, Avalon (a). Um erro interessante e revelador, pois Camelot era a sede da corte de Artur e constantemente citada na mídia como referência arturiana. Já houve um musical de teatro com este título e uma famosa série de quadrinhos.

Os alunos Guilherme de Almeida e Gabriel Badiola, que responderam *As Brumas de Avalon* na questão 2, estão entre os que assinalaram Camelot. Dos quatro que marcaram Avalon, três deixaram a questão 2 em branco e um assistiu ao desenho animado.

A questão 6 (*Como se chamava o mago e mentor de Artur?*) não teve nem graça, pois trinta e nove alunos marcaram corretamente Merlin (a) e apenas um assinalou um mago chamado Estranho (d).

Na questão 7 (*Qual foi a grande aventura dos cavaleiros de Artur?*), a maioria também acertou com boa folga, vinte e seis estudantes marcaram **A busca do Graal** (c); seis assinalaram **A Cruzada** (a); cinco alunos fizeram X na opção **O castelo de Sherwood** (d), três escreveram "não sei" ao lado da questão.

Merece atenção a opção **O Santo Sepulcro** (b) não ter sido assinalada por ninguém. Não houve reconhecimento do nome, que não tem mesmo nada a ver com aventuras medievais famosas. Entretanto, Cruzada e Sherwood despertaram familiaridade em onze alunos, mais de um quarto do grupo pesquisado. De fato, as cruzadas ocupam lugar de destaque no imaginário coletivo sobre a Idade Média e Sherwood (a floresta) é um nome badaladíssimo por causa do nosso velho amigo Robin Hood. A familiaridade dos nomes induziu aqueles onze alunos ao erro. Santo Sepulcro não despertou nada na memória de ninguém.

A questão 8 (*Como foi a morte de Artur?*) induzia o aluno a um erro justificável. Considerando-se a versão canônica do mito arturiano, o rei não morreu, foi levado pelas fadas de Avalon para ser curado de um grave ferimento, que seria fatal se ele permanecesse no mundo dos homens. É um caso de morte presumida, mas não provada; tanto que a lenda garante que o rei retornará quando a Inglaterra mais precisar.

A resposta correta seria **Não morreu** (d), mas para chegar a esta resposta, com convicção, só tendo uma boa base prévia de conhecimento sobre o ciclo arturiano. O único aluno que assinalou (d), como fica evidente pelas suas outras respostas, não sabia nada de nada e acabou marcando a resposta certa por acaso.

Nesta questão 8, prevaleceu então a opção **Em combate** (a), assinalada por vinte e oito alunos. Não responderam sete estudantes, que deixaram em branco. A seguir, a opção **Envenenado** (b) foi assinalada por quatro. Ninguém marcou **Por feitiço** (c). Um único estudante marcou **Não morreu** (d), mas, como expliquei acima, foi aleatório. Por outro lado, que cerca de três quartos do grupo pesquisado

tenha suposto uma morte em combate é um dado revelador, temos aqui uma clara expectativa de como um rei famoso deve morrer.

Após a aplicação deste primeiro questionário, creio que se torna possível delinear como era o mito arturiano no imaginário dos voluntários. A curiosidade passa a ser o que eles irão se lembrar e citar após a leitura da adaptação de Ana Maria Machado.

* * *

O questionário 2 foi elaborado com dez questões discursivas e permite não só averiguar se os alunos realmente leram o livro como mapear suas lembranças mais importantes. Agora é um teste direto sobre a recepção de leitura dos adolescentes. Das dez perguntas que os alunos tinham de responder, seis exigiam respostas específicas, extraídas da leitura. Bastava ler e responder.

As perguntas 1, 2, 3, 4, 5 e 7, portanto, serviam principalmente para fazer esta verificação de leitura, confirmar quem leu de fato. Perguntei, por exemplo, como Artur se tornou rei e também o que era o Santo Graal. Perguntas simples, diretas, com respostas objetivas.

As questões 6, 8, 9 e 10 permitiam aos leitores exprimir suas opiniões com liberdade. Estas quatro questões livres são as que mais me interessavam. Destaco a importância do resumo da narrativa de Ana Maria Machado feita pelos próprios alunos na questão 9. E o julgamento pedido a eles na questão 10; não sabiam nem desconfiavam de que o rei infanticida era Artur. Em momento algum contei a eles, continuaram sem saber mesmo depois da pesquisa.

A unanimidade deste julgamento é extremamente relevante: eles entendem que há certas linhas que não podem, não devem ser ultrapassadas. Nunca, jamais, em nenhuma hipótese. Talvez esteja sendo pretensioso, mas me atrevo a afirmar que nossos jovens leitores exigem ética e coerência de quem está no poder.

A seguir, uma reprodução do questionário 2 apresentado aos alunos.

QUESTIONÁRIO 2: O rei Artur e os cavaleiros da Távola Redonda

Seu nome: Sua idade:

Responda com base na adaptação escrita por Ana Maria Machado sobre a vida do Rei Artur.

1. Como Artur se tornou rei? Responda em no máximo duas linhas.
 2. O reino de Artur se chamava Logres e sua corte se reunia em Camelot. Para lá se dirigiam pessoas de outros reinos, às vezes de terras distantes, em busca de ajuda, proteção ou justiça. Por quê? O que havia na corte de Artur de tão especial? Responda em no máximo duas linhas.
 3. Por que Sir Lancelote rompeu com Artur, seu rei e melhor amigo?
 4. O que era o Santo Graal?
 5. Por que Lancelote, o maior dos cavaleiros, não foi capaz de conquistar o Santo Graal?
 6. O Rei Artur e os seus cavaleiros tinham riqueza, poder, glórias, mas tudo isto não era suficiente. Eles precisavam do Santo Graal. Na sua opinião, o que representava essa busca para os cavaleiros?
 7. Como era a lendária terra de Avalon? Onde ficava?
 8. A lenda diz que Artur não morreu, foi para Avalon, a terra encantada das fadas, e de lá não retornou, pois só voltará no dia em que a Inglaterra mais precisar. O que você acha desse tipo de história?
 9. Usando apenas sua memória e suas próprias palavras, resuma a história do livro que você leu.
 10. O que você diria se alguém lhe contasse sobre um rei que manda matar crianças recém-nascidas para eliminar um filho bastardo que no futuro poderá destruir o reino?
-

Dos quarenta questionários distribuídos, vinte e nove foram devidamente respondidos, enquanto onze alunos alegaram que não tinham lido o livro. Destes que não leram, quatro acabaram respondendo as perguntas 8 e 10.

Na questão 6 deste questionário 2, sobre a demanda do Santo Graal (*Na sua opinião, o que representava essa busca para os cavaleiros*), as citações, devidamente reduzidas a palavras-chave, foram:

Prova de valor	9
Busca espiritual	7
Meta de vida	5
Prova de fé	4
Questão de honra	2
Bênção de Deus	2

Acredito que estas seis diferentes interpretações possam ser agrupadas em dois blocos básicos:

Busca espiritual / Meta de vida / Prova de fé / Bênção de Deus = 18 citações

Prova de valor / Questão de honra = 11 citações

Buscar um sentido para a vida é muito diferente de provar o próprio valor para os outros. Entendo que o primeiro bloco básico de respostas sobre o significado da demanda do Santo Graal me permite dizer que a maioria dos leitores percebeu que, apesar de todas as glórias e realizações, os cavaleiros da Távola Redonda precisavam ou desejavam algo além das suas façanhas heróicas. A idéia de que a vida precisa de um significado mais profundo e transcendental prevaleceu na interpretação da simbologia do Graal.

Na questão 8, sobre uma possível volta do valoroso rei Artur em um futuro indefinido (*O que você acha desse tipo de história?*), as reações do nosso público foram bem variadas:

Interessante	9
Fictícia / Lenda / Mito	8
Ótima / Muito boa / Legal	6
Para dar esperança	6

Palhaçada	1
Eterna	1
Fantasirosa	1
Misteriosa	1

Novamente, creio ser possível agrupar as respostas em blocos básicos:

Interessante / Ótima / Para dar esperança / Eterna / Misteriosa = 23

Fictícia Lenda Mito / Palhaçada / Fantasirosa = 10

Ou seja, o apelo positivo do que podemos chamar de final em aberto, contendo uma promessa de futuro, é hegemônico. O adjetivo "interessante" foi empregado espontaneamente nove vezes e a idéia de "esperança" foi usada outras seis vezes. É interessante poder confiar e esperar o retorno do rei.

A questão 9 foi sem dúvida a mais livre de todas (*Resuma a história do livro que você leu*), pois pedia ao leitor uma redação, de no máximo dez linhas, recontando, de memória, o enredo da adaptação. Em tese, qualquer um poderia escrever qualquer coisa e haveria uma dispersão nas respostas. Na prática, porém, não foi o que aconteceu. Cada leitor escreveu a sua maneira e com suas próprias palavras, mas houve um padrão reconhecível.

Usando novamente o recurso de contabilizar as citações de elementos de enredo, vejamos o que permaneceu na memória dos alunos:

Rei da Bretanha	29
Filho de Uther e Igrane	15
Excalibur	14
Merlin	12
O rei foi traído pela rainha	11
Távola Redonda	10
Galahad/Santo Graal	10
O rei foi para Avalon	8
Amigo de Lancelot	7
Morreu em combate	7

Vale ressaltar que os elementos acima relacionados são todos citações espontâneas, refletem registros básicos de memória e de apreensão do texto.

Que tal comparar agora os dados pós-leitura com as expectativas e noções que os estudantes já tinham antes de receber seus exemplares da adaptação?

Antes	Depois
Rei da Inglaterra = 20	Rei da Bretanha = 29
Órfão / Filho do rei = 2	Filho de Uther e Igrane = 15
Excalibur = 11	Excalibur = 14
Merlin = 3	Merlin = 12
Rainha Guinevere = 1	O rei foi traído pela rainha = 11
Lancelot amante da rainha = 9	O rei foi traído pela rainha = 11
Távola Redonda/Cavaleiros = 4	Távola Redonda = 10
Santo Graal = 1	Galahad/Santo Graal = 10
Avalon = 0	O rei foi para Avalon = 8
Lancelot amigo de Artur = 3	Artur amigo de Lancelot = 7
Morreu em combate = 0/28	Morreu em combate = 7

Chama atenção de imediato o quanto a origem de Artur se tornou relevante, ou interessante, para nossos jovens leitores. A importância de Merlin cresceu junto. E quanto à rainha? Ela era bem lembrada antes, mas somente quando se perguntava sobre Sir Lancelot. Após a leitura, ela passou a ocupar um espaço proporcional ao da Távola Redonda e do Santo Graal na memória dos alunos. A amizade entre o rei e Lancelot ganhou uma dimensão bem maior. Os cavaleiros da Távola Redonda e a demanda do Graal idem. O desfecho da história, com Artur em batalha, gerou dois finais a serem lembrados: os mais atentos registraram que o rei ferido foi levado para Avalon para ser curado, outros acharam que ele acabou morrendo mesmo por causa dos ferimentos adquiridos em combate. Antes, espontaneamente, ninguém (zero) havia mencionado a morte de Artur. Na múltipla-escolha, entretanto, todo mundo (vinte e oito) tinha apostado na opção mais coerente com a vida de um rei-herói.

Que o grau de conhecimento e familiaridade com os mitos arturianos cresceu exponencialmente entre o grupo de leitores pesquisado me parece óbvio. Além disso, embora não apareça nos questionários, pelo menos seis alunos da turma 77, nos encontros realizados com o grupo, mostraram-se deveras curiosos e

desejosos de saber mais sobre Idade Média, cultura celta e as aventuras da Távola Redonda.

Somando os questionários e os contatos pessoais com estudantes da turma 77, tenho certeza de que eles formaram ou consolidaram uma idéia de que Artur, apesar de príncipe herdeiro, foi alguém que se fez rei por seu próprio mérito, um homem nobre e justo que criou a Távola Redonda e buscou o Santo Graal porque se dedicava à causa do Bem. A idéia de fazer a coisa certa, de levar justiça a quem precisa, está intimamente relacionada ao fascínio que o rei Artur vem exercendo sobre tantas gerações.

No seu depoimento (ver Anexos), a adaptadora infantil Laura Bacellar enfatiza a importância de um ideal de justiça que sempre esteve associado à obra e que ela se sentia na obrigação de preservar. Na versão de Ana Maria Machado, a Távola Redonda também é um símbolo de liberdade, justiça, heroísmo e defesa dos fracos e oprimidos. Artur, apesar do envolvimento incestuoso com a irmã, é apresentado como um modelo de virtude. Funciona, porque foi omitido o episódio em que o rei manda matar as crianças recém-nascidas de Logres na tentativa de eliminar Mordred, filho do adultério e do incesto, futuro vilão.

A questão 10 pedia aos leitores um julgamento sobre um rei sem nome que manda matar crianças. Os alunos não sabiam que estavam opinando sobre o Artur que aparece no texto canônico de Malory. E as reações foram as seguintes:

Injusto	6
Pessoa má	4
Parece a história de Jesus	3
Absurdo	3
Não poderia ser rei	3
O rei tem de ser punido	3
Covarde	3
Anti-humano	2
Tirano/Assassino	2
Ridículo	1
Não tem honra	1
Doido	1
Rei sem amor no coração	1

Para os alunos do Santo Inácio, e para qualquer leitor em idade escolar, é inconcebível, inadmissível e imperdoável o comportamento daquele rei. Alguém capaz de tamanha injustiça teria de ser um tirano cruel, um Herodes, um vilão. O maligno Mordred poderia mandar matar criancinhas. Artur, não! O rei infanticida não pode jamais ser o mesmo rei da Távola Redonda e da demanda do Graal.

Como se resolve o problema? Cortando.

Cortar pode ser a maneira mais inteligente de adaptar um clássico para adequá-lo para a moral vigente. Cortar o que não deve continuar, porque não pode ser justificado ou atualizado, é um jeito de selecionar o que deve permanecer. Para a lógica de uma adaptação escolar, a mutação é uma necessidade para que a obra possa permanecer e ser adotada em sala de aula. Porque herói é herói, seu comportamento tem de ser digno. E escola é um espaço de legitimação.

6.3 COMPARANDO O LIVRO COM O FILME: O ALUNO É O CRÍTICO

A turma 77 foi convidada a assistir *Excalibur*, de John Boorman. Trinta e três alunos aceitaram o convite, assistiram ao filme e depois preencheram o terceiro e último questionário da pesquisa sobre a adaptação de Ana Maria Machado. Basicamente, eles anotaram as diferenças de enredo que perceberam entre o filme e o livro. E também deram uma nota geral ao filme assistido.

O objetivo de solicitar que os alunos dessem nota – ou melhor, uma classificação – ao filme era poder confirmar que, na média, eles consideraram que se tratava de um bom filme e, portanto, um referencial válido para comparação com a adaptação previamente lida. De fato, entre as aventuras cinematográficas do rei Artur (diversas), *Excalibur* ainda é a que goza de maior prestígio junto à crítica especializada em cinema.

A classificação geral do filme foi por múltipla escolha, mas a comparação direta entre filme e livro foi discursiva. Para interpretar as repostas dadas pelos alunos, repeti a estratégia metodológica de identificar os tópicos mais frequentes e então resumi-los a elementos de enredo. Listando os elementos de enredo mais citados pelos leitores, temos um padrão passível de análise.

Reproduzo a seguir o que foi informado e pedido aos alunos da turma 77.

AGORA, VOCÊ É O CRÍTICO DE CINEMA!

Excalibur - Adaptação da lenda do Rei Artur para o cinema.

Seu nome:

Sua idade:

Você já leu a adaptação de Ana Maria Machado para "O Rei Artur e os cavaleiros da Távola Redonda" e assistiu ao filme "Excalibur", produção inglesa baseada na lenda arturiana. Comparando as duas versões, a literária e a cinematográfica, diga que diferenças você percebeu entre elas. E sobre essas diferenças, quais você gostou? E quais você não gostou?

Agora, assinale qual bonequinho melhor representa sua avaliação do filme "Excalibur":

Foram agrupados os elementos de enredo e também os julgamentos de valor sobre o livro:

Graal: Percival em vez de Galahad	17 citações
A mão que leva o Graal não apareceu	4 citações
Morgana enfeitiça Merlin	4 citações
Igrane: não sabia que Merlin levaria seu filho	4 citações
Livro é mais resumido do que o filme	4 citações
Livro é mais fácil de entender que o filme	3 citações
Livro é só leitura	3 citações
Livro e filme são muito parecidos	1 citação
Mordred: filho da outra irmã de Artur	1 citação
Lancelot sozinho x Lancelot com exército	1 citação
Espada no lago: 2 vezes no filme, 3 no livro	1 citação

Como o aluno podia citar diferentes tópicos em sua resposta, o número de citações foi além da marca de trinta e três. Nenhum problema nisto, pois o relevante aqui é registrar as observações dos alunos. E o mais interessante não foi confirmar o previsível, mas me surpreender com o detalhe que tinha me passado completamente despercebido e que representa uma daquelas mutações radicais na trama e no significado dos acontecimentos narrados.

Que a maioria dos alunos registrasse que, no filme, o cavaleiro Percival tenha encontrado o Santo Graal no lugar de Galahad, o filho de Lancelot, eram favas contadas. Que alguns lembrassem de que o Graal não foi levado por uma mão vinda do Céu foi previsível. Que apenas quatro tenham notado Morgana como aquela oponente que enfeitiça Merlin (em vez de Viviana/Ninienne, futura Dama do Lago) já é um dado revelador; significa que a confluência de episódios (a história de Viviana se misturou com a de Morgana, que passou a ser a aprendiz que seduz e trai o mestre) funcionou.

O que me surpreendeu foi a observação de que, no livro, Igrane sabia dos fatos e aceitava que Merlin viesse buscar seu filho com o rei Uther, enquanto no filme ela era surpreendida, ficava chocada, tentava se opor, inutilmente. Quatro alunas (repeto: alunas) perceberam a diferença e se indignaram, porque Igrane ficara reduzida à mera condição de reprodutora, seu status de mãe fora revogado. A rainha não passava, no filme, de uma fêmea enganada, usada e manipulada até o fim, sem direito de reclamar de nada. Inadmissível! Nessa perspectiva, Merlin é um monstro sem alma e Morgana, a filha vingadora. Realmente, roubar um bebê dos braços da mãe é um dos piores crimes para nossa sociedade.

Foi curioso ler os comentários dos alunos que acharam o livro de Ana Maria Machado mais resumido do que o filme de John Boorman, porque isso não é verdade. Entretanto, o que eles quiseram dizer, e não foi difícil entender, é que a narrativa literária, apesar de bem mais longa, estava mais linear do que a cinematográfica, sua trama estava mais resolvida em termos de clareza, de desenvolvimento e de "quem é quem" (são muitos personagens, quase todos de armadura, dá para confundir).

O filme foi considerado segmentado, picado, avançando aos pulos, sem dar a adequada noção das passagens de tempo ou das conseqüências de certas cenas. No livro, o processo de unificação do reino de Artur era explicado com cuidado. No filme, Artur saltava do cavalo e gritava "Vitória!", anunciava a criação da Távola Redonda e um ciclo de prosperidade se iniciava.

Igualmente curioso foi ler os elogios às batalhas e duelos dos cavaleiros cinematográficos e depois ter de anotar que "o livro é apenas leitura".

A imagem de Mordred como o filho maldito do incesto de Artur com a irmã se sobrepôs a identidade de que irmã seria essa. Só um leitor destacou que Mordred era filho de Artur com outra irmã que não Morgana (mas no filme não há

nenhuma outra irmã, Gawain deixa de ser o sobrinho favorito de Artur portanto). A confluência sobre Morgana acaba por incluir, além da traiçoeira aprendiz de Merlin, a mãe incestuosa de Mordred. Faz sentido. Faz?

Sim, a feiticeira da versão cinematográfica odeia Merlin e Artur, todos os seus atos e trapaças buscam uma vingança plena e a destruição de tudo que o mago e o rei construíram juntos. Enganá-los e tomar-lhes tudo é seu objetivo de vida. Afinal, ela é a filha vingadora de Igrane, aquela fêmea reprodutora ultrajada que não teve sequer o direito de ser mãe do filho gerado pelos ardis de Merlin.

Um aluno sensato lembrou que o Lancelot literário tinha um exército sob seu comando e por isso poderia ser tão decisivo no confronto contra Mordred. No filme, ele era um só homem, velho, decadente e mal armado... E mesmo assim massacrava sem dó as tropas do usurpador. Aparentemente, o fundamental para a recepção dos estudantes era a idéia de que Artur e Lancelot unidos seriam sempre invencíveis. Rompidos por causa de Guinevere, deixaram o reino enfraquecido.

Apenas um leitor mais atento mencionou que, no livro, quando o rei está morrendo e manda um cavaleiro lançar Excalibur às águas, por três vezes o cavaleiro leva a espada (na primeira, finge que cumpriu a ordem, na segunda, finge de novo, e só na terceira tentativa é que a cumpre de verdade). No filme, o cavaleiro vai com a arma apenas duas vezes (na segunda, ela já é lançada para a mão misteriosa do lago). Diferença mínima e muito fácil de se entender por conta da especificidade da linguagem cinematográfica: situações ou cenas que se repetem são enfadonhas na tela.

Para encerrar, registro que os alunos demonstraram grande maturidade literária ao entender que estavam diante de variações sobre um mesmo tema e que, claramente, compararam as duas obras sem estabelecer uma hierarquia entre elas.

Ah, a classificação de *Excalibur* segundo a avaliação da turma 77 foi:

Bom	- Bonequinho assistindo sentado	20
Muito bom	- Bonequinho aplaudindo sentado	6
Ótimo	- Bonequinho aplaudindo em pé	3
Fraco	- Bonequinho dormindo	3
Ruim	- Bonequinho indo embora	1

NOTAS DO CAPÍTULO 6

-
- ¹ FURTADO, *Artur e Alexandre: crônica de dois reis*, p. 211.
- ² FEIJÓ, *Quadrinhos em ação*.
- ³ FURTADO, *Artur e Alexandre: crônica de dois reis*, p. 32.
- ⁴ SANT'ANNA. "Um estudo fascinante", p. 7.
- ⁵ FURTADO, *Artur e Alexandre: crônica de dois reis*, p. 18.
- ⁶ FURTADO, *Artur e Alexandre: crônica de dois reis*, p. 28.
- ⁷ FURTADO, *Artur e Alexandre: crônica de dois reis*, p. 90 e 91.
- ⁸ MACHADO, *O Rei Artur e os cavaleiros da Távola Redonda*, p. 20.
- ⁹ MACHADO, *O Rei Artur e os cavaleiros da Távola Redonda*, p. 6.
- ¹⁰ MACHADO, *O Rei Artur e os cavaleiros da Távola Redonda*, p. 16.
- ¹¹ MACHADO, *O Rei Artur e os cavaleiros da Távola Redonda*, p. 23.
- ¹² SIMPSON, p. 190.
- ¹³ SIMPSON, p. 194.
- ¹⁴ MALORY, III, p. 410.
- ¹⁵ MALORY, III, p. 420.
- ¹⁶ MACHADO, *O Rei Artur e os cavaleiros da Távola Redonda*, p. 73.
- ¹⁷ MACHADO, *O Rei Artur e os cavaleiros da Távola Redonda*, p. 76.